

DOSSIÊ

DISPUTAS PELA OCUPAÇÃO DO DECK DA FEIRA DA PAZ: re-existência e visibilização em um espaço central de Governador Valadares, Minas Gerais

*Cristiana Maria Oliveira Guimarães**

Resumo

O texto tem como objetivo analisar o movimento de ocupação do deck da Feira da Paz, espaço central e valorizado de Governador Valadares, Minas Gerais (MG), a partir da realização de batalhas de rimas aos dominhos. Argumenta-se que esse processo reinventa o sentido de lugar, configurando-o como território simbólico da juventude negra e periférica, ao mesmo tempo em que promove sua visibilização. À luz do conceito de reexistência, formulado por Hurtado e PortoGonçalves, e das contribuições de Léfèbvre, evidencia-se como o coletivo ressignifica o espaço apesar de intervenções governamentais como a instalação do letreiro “Viva Valadares”. As batalhas, entendidas como práticas espaciais, constituem-se em atos políticos e culturais que disputam sentidos de lugar, visibilidade e pertencimento. Ao final, o artigo demonstra como a apropriação do deck da Feira da Paz expressa resistência, reexistência e a luta pelo direito à cidade.

Palavras-chaves: apropriação do espaço; batalhas de rimas; direito à cidade; juventude negra; prática espacial.

* Instituto Federal de Minas Gerais, Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. E-mail: cristiana.guimaraes@ifmg.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8548-729X>

INTRODUÇÃO

Governador Valadares comemorou este ano (2026) seus 88 anos, como uma cidade de 257.172 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023), localizada na porção leste de Minas Gerais, à margem esquerda do Rio Doce, a 324 km de Belo Horizonte. A presença do rio Doce é estruturante dos processos de produção do espaço da cidade. Em decorrência dessa presença, estão outros atravessamentos, do mesmo modo estruturantes: a Ferrovia Vitória-Minas, propriedade da empresa Vale, além de decisões internacionais sobre seu futuro desde os Acordos de Washington, em 1942.

Apesar da ocupação pelos indígenas Botocudos remontar a épocas anteriores à chegada dos colonizadores portugueses e ser um marcador fundamental no seu processo histórico¹, a narrativa que se consolida, construída a partir dos registros da elite e de documentos oficiais, enfatiza os feitos dos chamados pioneiros. Esses são homens descritos como heroicos, grandes negociantes e visionários, comprometidos com a missão de trazer “civilidade” a essas terras agrestes.

Essa narrativa serve ao enredo oficial pautado pelos ideais de progresso e modernidade, que orientaram o desenvolvimento urbano, desde os anos 1930 do século passado. O dinamismo econômico alcançado entre 1950 e 1970, pelo entroncamento da ferrovia às rodovias posteriormente construídas, BR-116 e BR-381, foi impulsionado por atividades econômicas de caráter extrativista, sobretudo a exploração de madeira e mica, responsáveis por um crescimento urbano acelerado e promissor. Como em tantas outras cidades, o ideal de progresso e modernidade materializado de modo desigual no território corresponde à produção de um espaço marcado por restrições severas ao exercício do direito à cidade para grande parte da população.

Entre esses impedimentos, está a inviabilização das realizações da população negra na cidade. Aliás, em sua história, a própria existência dessa população é negada. O Diagnóstico de Governador Valadares² elaborado pela Fundação João Pinheiro (1980), no contexto do Programa Estadual de Cidades Intermediárias – PROECI³ –, ao mostrar a preocupação com as desigualdades intraurbanas, destina todo um capítulo ao “Pobre Urbano”, sem, contudo, mencionar a questão racial.

A análise do espaço valadarense, nomes das ruas e praças, símbolos e outros significantes reafirma e sustenta a narrativa oficial. Contudo, ao focar a lupa, aparece outra realidade, outra história, outras tradições e lutas. Sob os nomes das grandes avenidas que exaltam chefes de governo e datas comemorativas nacionais, estão marcas de resistências. Diferentes modos de vida, marcados por mulheres que sustentavam suas famílias como miqueiras⁴, pelos ritos e costumes afro-brasileiros (Vilarino, 2015) e pela luta pela terra (Borges, 1988; Vilarino e Genovez, 2019), estão ali produzindo “geo-grafias”, que, infelizmente, não ganham os capítulos dos livros didáticos de história e/ou geografia.

1 Confira ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce**. Bauru: Edusc, 2005. 485 p.

2 O Diagnóstico de Governador Valadares é um estudo da Fundação João Pinheiro elaborado para subsidiar as ações e programas propostos para Governador Valadares no âmbito do PROECI. Confira: FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Programa Estadual de Centros Intermediários: Diagnóstico de Governador Valadares**. Belo Horizonte:1980 (mimeografado).

3 O PROECI foi um programa formulado e conduzido pelo Estado de Minas Gerais, no âmbito do II Plano Nacional de Desenvolvimento – PND.

4 As *miqueiras* eram mulheres responsáveis pelo processamento da mica – minério abundante em Governador Valadares nas décadas de 1930 e 1940 e amplamente utilizado no desenvolvimento da indústria bélica durante a Segunda Guerra Mundial, por atuar como isolante elétrico e térmico. Nessa época, sua exportação foi intensa, principalmente para os Estados Unidos.

A proposta deste texto é analisar e registrar o movimento de ocupação e apropriação de um local nobre, na área central de Governador Valadares, pela realização de *batalhas de rimas*⁵ por iniciativa do Coletivo do Deck aos domingos. Em nosso argumento, constitui-se uma *reinvenção do sentido daquele lugar*, conhecido como deck da Feira da Paz. O desenvolvimento desse argumento pretende revelar que o movimento é uma ação de *re-existência*, como colocado por Hurtado e Porto-Gonçalves (2022). *Reexistência* não é apenas “resistir” a um poder dominante; é existir de outro modo, reinventando saberes e fazeres, identidades, modos de produção e de sustento, a partir de um lugar próprio (*topoi*) — geográfico e epistêmico. Em outras palavras, tratase de dar novos sentidos à existência e ao espaço enquanto se enfrenta a expropriação e a subalternização.

Adiantando os resultados, compreendemos que a escolha do deck da Feira da Paz como o local para a realização das batalhas de rimas e, além disso, nomeálas constitui, em si, o início de um processo de visibilização dessa prática cultural e de seus participantes. Para contar essa história, partimos de alguns conceitos e ideias-chave, reunidos e sintetizados a seguir. Santos (2022) nos empresta a concepção do racismo como estruturante, em contraposição à ideia de racismo estrutural. Enquanto esta última tende a interromper, em termos teóricos, as possibilidades de agência dos indivíduos e/ou grupos, a primeira reativa essa perspectiva, sem diminuir o seu papel como um *constructo* organizador das nossas sociedades. Nesse sentido, o racismo compreendido como estruturante não se coloca como uma estrutura da sociedade, além da ação dos indivíduos; ao contrário, está contido e é performado por eles em seu cotidiano, a partir de valores e hábitos inculcados historicamente.

Sobre o conceito de espaço, assumimos a noção lefebvriana (s/d.) de que este é produzido no fazer-se e refazer-se das relações sociais (relações de produção e de reprodução) e, ao mesmo tempo que é produzido, interfere, modifica e participa da produção dessas mesmas relações. Trata-se de um agir mútuo, sempre histórico e contínuo, no qual estão implicadas as relações de poder. Assim, podemos assumir que elas – relações de poder – são manifestas, diminuídas ou exacerbadas no e pelo espaço, por meio de sua materialidade e de suas representações. Logo, os conflitos em torno do espaço configuram processos de disputas de poder, que se expressam tanto no plano material quanto – e fundamentalmente – no simbólico, sendo essas dimensões complementares e indissociáveis.

A noção de apropriação, vinculada aos âmbitos do vivido e do percebido, tal como nos ensina Léfèbvre⁶, constitui uma ferramenta analítica útil para pensar a tomada de lugar⁷ em suas dimen-

5 Uma batalha de rimas é um duelo oral improvisado entre duas ou mais pessoas – geralmente MCs – em que os participantes criam versos rimados em ritmo de rap ou hip-hop, respondendo ao oponente em tempo real. Neste texto usaremos *batalhas de rimas* ou apenas *batalhas* para expressar essa prática.

6 A produção de Léfèbvre é bastante vasta e complexa, sendo, por isso, impossível de ser melhor decifrada neste texto. Como auxílio à compreensão dos termos utilizados acima, segue uma síntese sobre a tríade analítica do espaço elaborada por Silva *et al.* (2019) “[Léfèbvre] propõe uma tríade conceitual que deve ser compreendida de forma interdependente entre si, ao mesmo tempo, que cada uma delas pode produzir espaços próprios: a prática espacial, as representações de espaço e os espaços de representação. A prática espacial é compreendida como sendo a ação das pessoas, o uso e a percepção do espaço. As representações do espaço são espaços concebidos pela lógica ligada às relações dominantes de modos de produção e à ‘ordem’ que essas relações impõem e, portanto, ao conhecimento formal e aos signos e códigos racionais, como é o caso do saber moderno relacionado aos projetos urbanísticos e a cartografia formal. Já os espaços de representação, incorporam simbolismos complexos, codificados ou não, ligados à clandestinidade e à vida social furtiva”. Essa construção teórico-metodológica possibilita articular escalas e, ao mesmo tempo, cuidar de especificidades analíticas. Em outras palavras, possibilita o foco nas relações cotidianas, do íntimo e do pessoal e o enlace dessa dimensão à macro, hegemônica, ao que se impõe a todos, material e simbolicamente, como resultado das disputas sociais.

7 A expressão é utilizada em referência à tomada da Bastilha pelos revolucionários franceses durante o processo de revolução nos séculos XVIII e XIX e à força simbólica que representa. Nesse sentido, vale a referência, para complexificar o debate, ao texto de Léfèbvre sobre a Comuna de Paris. LÉFÈBVRE, Henri. **A Comuna de Paris: a festa da igualdade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

sões material e simbólica pelos grupos subalternizados – caso em que se enquadra a experiência aqui analisada. Para o autor, a apropriação diz respeito ao modo como os sujeitos se relacionam com o espaço a partir do corpo e do cotidiano, constituindo-o como espaço vivido e dotado de sentido, em contraposição a um espaço alienado e programado, produzido segundo lógicas de dominação (Léfebvre, *s.d.*; 2001).

A questão de fundo que sustenta essa elaboração é a reflexão lefebvriana sobre o espaço absoluto e o espaço diferencial, que, infelizmente, não poderemos aprofundar aqui. Vale dizer, de forma bastante simplificada, que, para o autor, não existe um espaço apriorístico, um vazio à espera de sua completude: o espaço se constitui na própria realização dos processos de reprodução social, isto é, na realização da vida. Enquanto alienados, esses processos conformam um cotidiano – e seu espaço – programado e imposto pelo hegemônico. Contudo, esses não se realizam de forma totalmente previsível. Embora regulados por uma padronização própria da modernidade capitalista, também comportam fissuras.

Essas rupturas, como escapes ao controlado, se produzem no interior das próprias práticas sociais; em alguns casos, a partir das experiências sensoriais realizadas pelo corpo. Nesses momentos, ocorre um deslocamento do curso esperado, que introduz diferenças no tempo e no ritmo que organizam o cotidiano. São movimentos que, ao se realizarem, configuram outras temporalidades e outras espacialidades, ainda que de forma efêmera. Constituem, em última instância, o que estamos nomeando como apropriação.

Os processos de apropriação, por sua vez, ao tensionarem o que é esperado e imposto, instauram uma posição de alteridade em relação ao próprio comum e ao uso normatizado do espaço. Desse modo, interferem também nas práticas dos outros sujeitos, ao desestabilizar a programação que orienta suas ações.

Em outras palavras, as práticas corporais podem romper o cotidiano programado e alienado e, assim, reconfigurar o espaço, atribuindo novos sentidos e abrindo possibilidades de autonomia. O corpo, nesse movimento, atua como resistência quando não segue as regras impostas, quando se expressa por gestos e maneiras que contrariam as normas estabelecidas ou quando desvia o uso esperado de um espaço.

Pensar o corpo como resistência adquire outra dimensão quando os protagonistas são os corpos cujas características se tornam critérios de subalternização, como ocorre com os corpos negros, agentes da experiência aqui apresentada. Com isso, alcançamos as questões que fundamentam este texto. O que pode um corpo negro em Governador Valadares? O que é a ele permitido? Qual lugar lhe é reservado? Como resposta, sustentamos que à população negra não é historicamente permitido habitar e vivenciar plenamente as áreas centrais e valorizadas da cidade. A periferização – enquanto negação do centro – opera tanto na materialidade do espaço quanto na sua dimensão simbólica. No enredo da história oficial, outras histórias são sistematicamente apagadas, não sendo reconhecidas nem incorporadas como parte constitutiva da cidade; do mesmo modo, a centralidade planejada não comporta suas formas de vida, reiterando sua exclusão dos espaços e das narrativas hegemônicas.

De acordo com o exposto, a história que conforma o objeto deste texto não é aquela que estampa as manchetes dos jornais – exceto em ocorrências policiais – nem aquela que preenche os anuários municipais. Os registros são poucos e dispersos, encontrados aqui e ali, recortados e, muitas vezes, atravessados pelo interesse de quem os produz. Assim, as redes sociais e a imprensa local foram essenciais para localizar as disputas no tempo e na dinâmica urbana.

A partir dessas notícias, buscamos suas reverberações nos portais da Prefeitura Municipal de Governador Valadares (PMGV) e da Câmara de Vereadores, que disponibilizam documentos, notas técnicas e legislações. Alguns materiais do Coletivo do Deck, gentilmente cedidos por suas lideranças – a quem agradecemos –, ajudaram a preencher lacunas sobre o desenvolvimento dessa história. Destacamos entre esses: seu portfólio, ofícios encaminhados à PMGV e os projetos submetidos a diversos editais de apoio à cultura que nos apresentaram seus objetivos, origens e reformulações.

Por fim, antes de prosseguirmos, é pertinente esclarecer o escopo deste texto e suas limitações. O protagonista da análise não é o movimento hip-hop ou as discussões acerca da estética negra enquanto forma de resistência e/ou *re-existência*, tema amplamente abordado em estudos específicos. O objetivo aqui, como já antecipado, é a análise da apropriação do deck da Feira da Paz durante a realização das batalhas de rimas, reconhecidas como Batalhas do Deck.

A DISPUTA PELO DECK DA FEIRA DA PAZ

O local conhecido como o deck da Feira da Paz é literalmente um deck de madeira, sobre a área da antiga Feira da Paz, que funciona como mirante para o pico da Ibituruna e o rio Doce. Além da vista singular para o cartão-postal da cidade, acontece ali o pouso dos pilotos de parapente, esporte comum na cidade, reconhecida mundialmente pelas condições extremamente favoráveis à sua prática. O local é o ponto focal da grande perspectiva constituída pela avenida Minas Gerais, que corta a planta da área central citadina concebida em tabuleiro de xadrez, aos moldes da capital, Belo Horizonte. Avizinha-se da Praça dos Pioneiros, que sedia, além dos poderes legislativo e executivo municipais, os principais eventos, manifestações e encontros da cidade (figura 1).

Figura 1: Localização do deck da Feira da Paz



Fonte: autoria própria a partir do *Google Earth* (2026).

Nesse local, acontecem, aos domingos, as batalhas de rimas identificadas como Batalhas do Deck, em referência àquele e promovidas pelo coletivo de mesmo nome.

Desde seus primeiros passos, o grupo compreendeu o hip-hop não apenas como expressão artística, mas como instrumento de enfrentamento à violência estrutural, ao racismo e à exclusão social vivenciados pela juventude negra e periférica do município (...).

Após um período de pausa organizativa, em 2015 o movimento retoma suas atividades com força, passando a ocupar espaços centrais da cidade, como a Praça dos Pioneiros. Com a construção do deck da Feira da Paz, o grupo estabelece ali sua principal referência territorial, dando início à trajetória da Batalha do Deck, que passa a ser registrada sistematicamente nas redes sociais a partir de 2016, ampliando sua visibilidade e alcance (Coletivo do Deck, 2025).

Em 2022, como se nada houvesse, a PMGV instalou no mesmo local o letreiro **Viva Valadares**, como parte do projeto de incentivo ao turismo de mesmo nome (figura 2). Acompanhava o letreiro a repaginação do deck, promovida pela retirada dos bancos e da cobertura, pela troca dos materiais de revestimento e pelo corte de árvores que ali sombreavam (figura 3).

Figura 2: Letreiro Viva Valadares com o rio Doce e o Pico do Ibituruna ao fundo.



Fonte: autoria própria, 2026

O propósito da administração municipal era produzir um local instagramável⁸, reforçando sua dimensão de cartão-postal cidadão. A reforma cumpre essa intenção ao retirar o mobiliário urbano – bancos e cobertura –, esvaziando as possibilidades de permanência no local, coletiva ou individualmente. O único uso propiciado passa a ser fotografar-se na paisagem transformada em fundo cenográfico. Tal intervenção, contudo, não ocorreu sem tensionamentos. Agentes de produção do espaço vinculados às batalhas de rimas manifestaram insatisfação diante das mudanças, uma vez que estas afetaram diretamente as dinâmicas de uso e de apropriação do deck. A reorganização do

8 O termo instagramável designa espaços, objetos ou situações cuja configuração estética é concebida – ou mobilizada – de modo a favorecer sua reprodução imagética e circulação em plataformas digitais, especialmente no *Instagram*. Nesse sentido, sua utilização remete à lógica de produção de cenários visualmente atrativos e consumíveis, frequentemente associados a dinâmicas de espetacularização, mercantilização do espaço e de construção de visibilidades mediadas por critérios estéticos e algorítmicos.

espaço implicou limitações às práticas culturais ali consolidadas, evidenciando disputas em torno de seus sentidos e usos. Trata-se de uma operação, como tantas outras, alinhada à lógica da cidademercadoria, na qual o patrimônio se configura como ativo estratégico na construção de uma imagem de cidade turística e, como tal, carregada de excepcionalidade. Essa distinção pretende inseri-la na rota das cidades que merecem ser visitadas, fotografadas e, sobretudo, comercializadas.

Revitalizamos o deck da Feira da Paz com o letreiro “Viva Valadares”, que também dá nome ao Programa de Turismo lançado em um seminário que teve a participação do secretário de Estado da pasta. O programa inclui o mapeamento de roteiros históricos, gastronômicos e de entretenimento, além de esportes radicais e da natureza (Marques *et al.*, 2022).

O conflito envolveu as ruas e as mídias locais, agravado por um acidente que destruiu tanto o deck, como o letreiro (G1 Vales de Minas Gerais, 2022). Rapidamente, ainda em meio às polêmicas, o conserto foi providenciado. Nesse ínterim, uma providência da PMGV se transformou em anedota coletiva: ao substituir o letreiro, a administração instalou um banner com a imagem da paisagem ao fundo. Paradoxalmente, o banner encobria o rio Doce e o pico da Ibituruna, precisamente os elementos que pretendia representar.

Figura 3: O deck da Feira da Paz antes da reforma



Fonte: Card de divulgação de uma Batalha do Deck em 2017. BATALHA DO DECK. Instagram, 2017.

Disponível em: https://www.instagram.com/coletivodeck_gv/. Acesso em: 29 jan. 2026

Deixando a graça de lado, a análise do episódio precisa recuperar o fato de que a disputa em torno do deck era – ainda é – sobre sua ocupação, embora, como insistido, ultrapasse a questão da materialidade física. Dessa forma, a intenção da PMGV deve ser vista como uma alternativa para impedir que o vazio deixado pela retirada do letreiro fique disponível para outra apropriação e/ou uso.

Apesar do vai-e-vem do letreiro no deck, os participantes e simpatizantes do movimento das *batalhas de rimas* não deixaram o local – as batalhas dos domingos continuaram a acontecer ali. Logo se apoderaram do letreiro como acessório à sua festa (figura 4) e passaram a utilizá-lo como suporte físico de si mesmos e de seus pertences, tal como um mobiliário urbano. Nesses dias, com o letreiro **Viva Valadares** ao fundo, o que se vê em primeiro plano é a festa da moçada do hip-hop local e suas insígnias.

Figura 4: Batalhas do Deck em janeiro e julho de 2023



Fonte: Autoria própria a partir de postagens disponíveis em COLETIVO DO DECK. Instagram, 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/coletivodeck_gv/. Acesso em: 10 jan. 2026.

Posteriormente, já na gestão seguinte, uma reforma reposicionou o letreiro fora do deck, atrás desse, sustentado por uma estrutura metálica apoiada diretamente no terreno adjacente. Aparentemente, a solução resolvia os dois interesses da PMGV. O letreiro ficava inacessível aos insistentes (ou resistentes) usos e apropriações indesejadas institucionalmente (Prefeitura Municipal de Governador Valadares, 2023), enquanto eram mantidos a realização do cartão-postal e o cenário instagramável. Entretanto, em momentos e horários específicos, aos domingos à noite, tudo muda. As batalhas roubam a cena, de modo ainda mais robusto, após o fomento financeiro dos editais promovidos pela Fundação Renova⁹ e a chancela dessa (Reparação Bacia do Rio Doce, 2025).

⁹ Em 5 de novembro de 2015, como é sabido por todos, aconteceu o rompimento da Barragem de Fundão em uma mina de ferro da SAMARCO/VALE/BHP em Mariana (MG). Cerca de 39 milhões de metros cúbicos de rejeitos inundaram a Bacia do Rio Doce, alcançando Governador Valadares poucos dias depois. O acordo de reparação, por meio do Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), determinou a instituição da Fundação Renova, mantida pelas empresas Samarco, Vale e BHP, como responsável pela mobilização para a compensação pelos danos causados pelo desastre-crime. A partir daí, a fundação se consolida como um agente importante na dinâmica urbana de Governador Valadares, tanto em seu distrito-sede, nosso recorte, como em outros distritos e na área rural, além do entorno imediato, do qual a cidade é o polo.

MUITO MAIS QUE O DECK: DISPUTAS DE LUGAR, RE-EXISTÊNCIA E VISIBILIDADE

Dois anos após a realização do show AMARELO¹⁰: é tudo para ontem, Emicida (2021), mais uma vez, destacou o significado da escolha do *Theatro Municipal* de São Paulo como palco desse,

Há dois anos estávamos ocupando um lugar que por muito tempo disseram que não era nosso. Uma das grandes alegrias nessa vida musical foi poder lotar o *Theatro Municipal* com os nossos, algumas coisas não tem preço e marcam nossa trajetória. Obrigado a todos que colaboraram para chegarmos até aqui! (Emicida, 2021).

Como uma das principais referências do hip-hop brasileiro, o artista mobiliza, em sua trajetória, experiências periféricas e repertórios culturais que tensionam as barreiras simbólicas e materiais impostas a determinados corpos. Ao rememorar a ocupação do *Theatro Municipal* de São Paulo, explicita o caráter político desse gesto em duas frentes: por um lado, evidencia que o acesso a espaços historicamente elitizados não é dado, mas conquistado por meio de lutas coletivas; por outro, afirma que a população negra e periférica pode e deve estar em todos os lugares, inclusive naqueles tradicionalmente interditados.

Analogamente, pode-se dizer o mesmo sobre a opção do Coletivo do Deck em realizar a sua festa, as *batalhas de rimas* nas áreas centrais e nobres da cidade. Ocupar o cartão-postal de Governador Valadares, transformando-se nesse mesmo, é conceder outra significação a essa prática cultural da juventude negra e periférica.

A realização das *batalhas de rimas* em um ponto significativo da área central da cidade configura, a nosso ver, uma construção de um sentido de lugar, tal como proposto por Massey (2000). Na perspectiva argumentativa dessa autora, os lugares podem – e devem – ser conceituados em termos das interações sociais que agrupam. Como essas interações são processos, os lugares também o são. Ela retira a estaticidade que normalmente marca a ideia de lugar, e ao fazer isso, nega seu sentido único, atrelado a fronteiras e a uma comunidade, quase sempre estereotipada em um modelo homogêneo. Ao desnaturalizar essa ideia, instaura a perspectiva da construção dos *sentidos de lugar*, efetivada historicamente por agentes diversos e constantemente em disputa.

A ocupação do deck para a realização das *batalhas de rimas* ultrapassa a questão da materialidade do espaço e alcança a construção de um sentido para aquele lugar: o da festa da juventude negra, periférica, que gosta e faz hip-hop e se orgulha dessa prática cultural. Essa é a expressão de uma maneira de ser no mundo, de modos de vida, com seus problemas e prazeres. Instaladas no deck aos domingos, as rimas lançadas em batalha irradiam, para além do seu conteúdo, a mensagem da existência, poderosa daqueles jovens na cidade. Tal como colocado por Santos (2022), esse movimento não se resume a mobilizar sentidos e cargas simbólicas dos lugares como ferramenta para suas lutas; ele avança ao construir e impor novos sentidos aos lugares, atribuindo-lhes outras cargas e conteúdos, em uma clara disputa pelas consciências das pessoas que os atravessam ou os habitam.

10 O show AmarElo, realizado por Emicida no *Theatro Municipal* de São Paulo em 27 de novembro de 2019, marcou um momento emblemático na trajetória do artista e do hip-hop brasileiro. Ao levar um espetáculo de rap para um espaço historicamente associado às elites culturais, o artista tensiona as fronteiras simbólicas de acesso e de reconhecimento, inscrevendo a presença negra em um lugar de prestígio. A apresentação, posteriormente transformada em documentário e em registro audiovisual, tornou-se um marco de legitimação artística e política, evidenciando o reconhecimento institucional de uma trajetória construída a partir das periferias.

Contudo, outros eram os planos governamentais para o local nobre, cartão-postal da cidade. A festa da juventude negra não representava a cidade idealizada pelos projetos hegemônicos. A PMGV celebrava a mensagem referendada pelo letreiro, a partir do enaltecimento dos símbolos “naturais”, Rio Doce e Pico da Ibituruna, como singularidades garantidoras de uma marca única e – sempre – em construção: Capital Mundial do Voo Livre. Além disso, o letreiro era a propaganda da própria gestão municipal (2021-2024) e de suas realizações, entre elas o projeto de incentivo ao turismo, cujo nome é escrito no letreiro, a partir da “ressignificação” da cidade como destino turístico.

Governador Valadares não é exceção ao conjunto brasileiro, no qual a invisibilização da história negra e de seus feitos tem sido uma constante. As características do seu espaço, como produto e condição dessa mesma sociedade, revelam essa *práxis* na toponímia das praças e ruas, nas imagens dos pioneiros, em sua maioria homens vistos e reconhecidos como brancos, “imortalizadas” na fachada do principal teatro valadarense (Governador Valadares, 2024) e na relação dos bens tombados municipalmente (Prefeitura Municipal de Governador Valadares, 2017). Dizendo de outro modo, a visibilidade das referências afro-brasileiras é autorizada em locais, pontos e situações sempre muito específicos e, em sua maioria, não centrais. A distribuição espacial racialmente segregada corresponde um lugar secundarizado no conjunto das representações sobre a cidade, sua história e seus habitantes. Esse apagamento simbólico configura a negação de uma existência negra vitoriosa, orgulhosa de si e de suas tradições.

A instalação do letreiro ignorando a prática cultural das Batalhas do Deck, que ali acontecia, é comum ao *modus operandi* do racismo universalista brasileiro e a tantas formas violentas de apagamento, inclusive como negação de si mesmo (Telles, 2003). O apagamento da participação negra nos processos de produção da cidade, da história e do espaço anda de mãos dadas com os repetidos projetos de melhorias, de reformas e de revitalizações das suas áreas centrais. Sem fugir à regra, a ação da PMGV efetivou a subalternização de uma prática cultural por meio da distinção pejorativa, realizada a priori, dos corpos que a produzem.

As batalhas de rimas remetem ao corpo negro e às práticas culturais negras e, por isso, não poderiam constituir um emblema da cidade, embora, ao longo dos anos, tenham se afirmado como referência para uma parcela significativa de sua população. A festa da juventude negra não poderia, assim, inscrever-se como signo da cidade incorporado ao seu cartão-postal.

Surpreendentemente, o desenrolar do processo se deu ao contrário: o letreiro foi incorporado aos movimentos e à coreografia das batalhas, como parte dessas. Os corpos da juventude negra em sua dança *tomam para si o letreiro*, transformando-o em parte da territorialidade constituída na prática das *batalhas de rimas*. O letreiro Viva Valadares, apropriado pelo hip-hop, ao menos aos domingos, anuncia que a cidade viva pertence a eles, seus corpos pulsantes, modos de vida e história.

CONSIDERAÇÕES (NADA) FINAIS

As disputas pela ocupação do deck da Feira da Paz não se restringem à sua materialidade; dizem respeito, sobretudo, a modos de vida, às expressões culturais e a quem estas pertencem. Ao fim e ao cabo, voltamos à velha questão lefebvriana sobre quem pode usufruir plenamente da cidade, o que inclui as possibilidades de participação em sua feitura enquanto obra coletiva. Embora a PMGV tenha promovido um processo de expulsão da festa/movimento da juventude negra da área central valadarense, o movimento hip-hop, representado pelas Batalhas do Deck, resistiu. O

leiteiro que deveria expulsá-lo foi apropriado em suas coreografias, reafirmando a presença da juventude periférica na produção do espaço, de seus significados e representações. Ao tomar para si o Viva Valadares, a juventude negra exerce, ainda que apenas aos domingos e não plenamente, como supõe a utopia, seu direito à cidade, à festa e à sua produção como obra.

Finalmente, vale destacar que compreendemos que o estudo contribui para o debate ao explicitar como sujeitos subalternizados não apenas resistem, mas também produzem o espaço como experiência vivida, afirmando modos próprios de existência e de significação a partir de seus referenciais. Nesse sentido, o caso dialoga com as formulações de Lefebvre ao problematizar a produção hegemônica do espaço. Complementarmente, reafirma o conceito de reexistência como chave analítica para compreender práticas que, simultaneamente, enfrentam e reinventam modos de lidar com a dominação.

Assim, mais do que um episódio localizado, a experiência analisada ilumina dinâmicas mais amplas de disputa simbólica e material nas cidades brasileiras, revelando a potência transformadora da juventude negra e periférica na reconfiguração dos sentidos, usos e representações da cidade. Evidencia-se, a partir deste estudo de caso, a centralidade da apropriação e do espaço vivido como dimensões constitutivas da produção do espaço, nas quais o corpo e o cotidiano operam como mediadores de transformações que buscam a ampliação do direito à cidade.

REFERÊNCIAS

BORGES, Maria Eliza Linhares. **Utopias e contra utopias: movimentos sociais rurais em Minas Gerais (1950-1964)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1988.

COLETIVO DO DECK. **Portfólio**. Governador Valadares, 2025. PDF.

EMICIDA. [sem título]. Publicação no Instagram. 28 nov. 2021. Acesso em: 27 maio 2026.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Programa Estadual de Centros Intermediários: Diagnóstico de Governador Valadares**. Belo Horizonte, 1980. Mimeografado.

G1 VALES DE MINAS GERAIS. **Carro atinge leiteiro turístico de Governador Valadares**. Portal G1, Governador Valadares, 11 de abril de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2022/04/11/carro-atinge-leiteiro-turistico-de-governador-valadares.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2026.

GOVERNADOR VALADARES. Prefeitura Municipal. **Imagens dos pioneiros de Governador Valadares são afixadas na entrada do Teatro Atiaia**. Governador Valadares: Prefeitura Municipal de Governador Valadares, 19 dez. 2024. Disponível em: <https://salamineira.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/imagens-dos-pioneiros-de-governador-valadares-sao-afixadas-na-entrada-do-teatro-atiaia/173246>. Acesso em: 30 jan. 2026.

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira. **O ideário das elites em Governador Valadares (MG) no contexto do Programa Estadual de Cidades Intermediárias – PROECI**. In: Anais do 18º Seminário de história da cidade e do Urbanismo: Horizontes (Im)possíveis. Anais...Natal(RN) UFRN, 2024. Disponível em: <https://static.even3.com/anais/1010200.pdf?v=639210193129652648>. Acesso em: 30 jan. 2026.

HURTADO, Lina Maria; PORTOGONÇALVES, Carlos Walter. Resistir y Reexistir. **GEOgraphia**, Niterói, v. 24, n. 53, e54550, 2022. DOI: 10.22409/GEOgraphia2022.v24i53.a54550. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/54550/33356/198629>. Acesso em: 30 jan. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv102011.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2026

LÉFÈBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Não publicado. s/data.

LÉFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2001. 145 p.

MARQUES, Ariane; MESMER, Matheus; FERREIRA, Zana. **Governador Valadares, 1º ano de governo:** prefeito André Merlo fala em entrevista das ações feitas e dos próximos desafios. Portal G1, Governador Valadares, 26 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2022/01/26/governador-valadares-1o-ano-de-governo-prefeito-andre-merlo-fala-em-entrevista-das-acoes-feitas-e-dos-proximos-desafios.ghtml>. Acesso em: 25 jan. 2026.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio Augusto. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 177-185.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GOVERNADOR VALADARES. **O letreiro foi instalado para toda a população mas (...)**. Instagram, 10 de novembro de 2023. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/Czew6lkrvpW/>. Acesso em 25 jan. 2026

PREFEITURA MUNICIPAL DE GOVERNADOR VALADARES, **Relação de bens tombados e registrados em Governador Valadares** (portal de informações), 2017. Disponível em: <https://governadorvaladares.portalfacil.com.br/detalhe-da-materia/info/relacao-de-bens-tombados-e-registrados-em-governador-valadares/74361>. Acesso em: 28 jan. 2026.

REPARAÇÃO BACIA DO RIO DOCE (2025). Disponível em: <https://www.reparacaobaciariodoce.com/>. Acesso em: 05 jan. 2026

SANTOS, Renato Emerson dos. Revisitando os repertórios espaciais de ação na luta antirracismo: o caso da Pequena África no Rio de Janeiro. FRIDMAN, Fania. (Org.). **Quem planeja o território?** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 19-45. Disponível em: <https://ippur.ufrj.br/wp-content/uploads/2022/11/Quem-Planeja-o-Territorio-LIVRO-COMPLETO.pdf>. Acesso em: 15 de jan. de 2026

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, São Paulo, v. 3, n. 41, p. 63-77, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6404>. Acesso em: 15 de jan. de 2026

SOUZA, Agnaldo. **Coletivo Deck celebra 10 anos e o Dia Mundial do Hip-Hop**. Diário do Rio Doce, Governador Valadares, 12 de novembro de 2023. Disponível em: <https://drd.com.br/coletivo-deck-celebra-10-anos-e-o-dia-mundial-do-hip-hop/>. Acesso em: 15 de jan. de 2026

TELLES, Edward Eric. Segregação residencial. In: TELLES, Edward Eric. **Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. p. 161-184.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas; GENOVEZ, Patrícia Falco. **Caminhos da Luta pela terra do Vale do Rio Doce: conflitos e estratégias**. Governador Valadares: Editora Univale, 2019. 336 p. Disponível em: <https://editora.univale.br/caminhos-da-luta-pela-terra-do-vale-do-rio-doce/>. Acesso em: 15 jan. 2026.

VILARINO, Maria Terezinha Bretas. **Da lata d'água ao SESP: tensões e constrangimentos de um processo civilizador no Sertão do Rio Doce (1942-1960)**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015. 305 p. Disponível em: <https://historia.fafich.ufmg.br/defesas/213D.PDF>. Acesso em: 20 jan. 2026.

Abstract
Key-Words

Disputes Over The Occupation Of The Deck da Feira da Paz: re-existence and visibility in a central area of Governador Valadares, Minas Gerais

Abstract

The text aims to analyze the process of occupying the deck at Feira da Paz, a central and valued space in Governador Valadares, Minas Gerais, Brazil, through rap battles carried out on Sundays. It is argued that this process reinvents the meaning of place, configuring it as a symbolic territory for Black and peripheral youth, while also promoting their visibility. In light of the concept of reexistence, formulated by Hurtado and Porto-Gonçalves, and drawing on Léfèbvre's contributions, the paper shows how the collective resignifies space despite governmental interventions such as the installation of the "Viva Valadares" sign. The battles, understood as spatial practices, constitute political and cultural acts that dispute meanings of place, visibility, and belonging. Finally, the article demonstrates how the appropriation of the deck da Feira da Paz expresses resistance, reexistence, and the struggle for the right to the city.

Keywords: appropriation of space; rap battles; right to the city; black youth; spatial practice.

Resumen
Palavras Clave

Disputas Por La Ocupación Del Deck da Feira da Paz: re-existencia y visibilización en un espacio central de Governador Valadares, Minas Gerais

Resumen

El texto tiene como objetivo analizar el movimiento de ocupación del deck da Feira da Paz, un espacio central y valorizado de Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil, a partir de batallas de rimas que ocurren los domingos. Se argumenta que este proceso reinventa el sentido de lugar, configurándolo como un territorio simbólico de la juventud negra y periférica, al mismo tiempo que promueve su visibilización. A la luz del concepto de reexistencia, formulado por Hurtado y Porto-Gonçalves, y de las contribuciones de Léfèbvre, se pone de manifiesto cómo el colectivo resignifica el espacio a pesar de intervenciones gubernamentales como la instalación del letrero "Viva Valadares". Las batallas, entendidas como prácticas espaciales, se constituyen en actos políticos y culturales que disputan sentidos de lugar, visibilidad y pertenencia. Finalmente, el artículo demuestra cómo la apropiación del deck da Feira da Paz expresa resistencia, reexistencia y la lucha por el derecho a la ciudad.

Palabras clave: apropiación del espacio; batallas de rimas; derecho a la ciudad; juventud negra; práctica espacial.

Histórico

Recebido: Janeiro/26

Primeiro Parecer: Maio/26

Segundo Parecer: Maio/26

Aceito: Junho/26

Revisão Gramatical/Ortografia e ABNT: Agosto/26

Revisado Autor: Agosto/26

Publicado: Setembro/26

Equipe Editorial Revista TOMO envolvida no processo editorial deste artigo

Marina de Souza Sartore (Editora-chefe)

Tatiana Silva Sales (Editora Assistente Júnior)

Contato: revistatomo@gmail.com